

CHAVES, Luís Rufino

(Luís Chaves)

Chaves, 1888 – Lisboa, 1975

Etnógrafo, arqueólogo, publicista, professor e conservador de museu, Luís Rufino Chaves Lopes nasce em Chaves, a 9 de maio 1888, cidade plena de história e tradições populares. Escasseiam, porém, dados que permitam descrever o seu contexto familiar inicial, a sua infância e adolescência até viajar para Lisboa, onde ingressa na Escola Politécnica para se formar em estudos matemáticos, que aprofunda na Universidade de Coimbra.

Com 24 anos de idade, começa a desempenhar funções de etnólogo no Museu Etnológico Português (MEP) (1893) (atual Museu Nacional de Arqueologia), cujo mentor e diretor é [José Leite de Vasconcelos](#) (1858-1941), figura indelével da ciência e da cultura portuguesas.

Entrando como preparador para o quadro do museu, cedo lhe é atribuída a orientação de trabalhos arqueológicos de campo, certamente pelo rigor, minúcia, sistematização, cientificidade e dedicação que coloca nos trabalhos que executa. E, a par da correspondência assídua que mantém com Leite de Vasconcelos, Luís Chaves observa, indaga, regista e verte em letra impressa os seus primeiros trabalhos etnográficos sobre as regiões onde desenvolve pesquisa arqueológica, ou seja, em Estremoz e Elvas. Surgem, assim, *Os Barristas de Estremoz (séc. XVIII-XX)* (1916), *Etnografia alentejana - o rancho da azeitona (Estremoz e Elvas)*, *Folclore de Santa Vitória do Ameixoal (Estremoz)* e *Arte popular no Alentejo: os ganchos de meia de barro de Estremoz (séc. XX)* (Castelo-Branco, 1979).

Sem abandonar a arqueologia, Luís Chaves concentra o seu labor no estudo da arte popular,



FIG. 1 Luís Rufino Chaves Lopes (1888-1975). Fonte: *Boletim Digital do Museu Nacional de Arqueologia* (janeiro de 2016) Fonte: MNA – Boletim Digital de Janeiro © (2016)

apoiado por Leite de Vasconcelos. Luís Chaves passa, assim, à categoria de Conservador interino, em 1916. Cargo que não exerce durante muito tempo, pois, além de participar na I Guerra Mundial como alferes miliciano, Luís Chaves reforça ligações aos ideais monárquicos, sendo membro do denominado “Grupo dos Cinco” da “Ação Realista Portuguesa”, fundada em julho de 1921 e cujo semanário, *A Voz Nacional*, dirige. Atividades que levam ao seu afastamento do museu em 1919, sobretudo por tomar parte no movimento revolucionário monárquico de Monsanto.

Não obstante, Luís Chaves regressa ao MEP em 1931, após concurso público para Conservador, cargo que mantém até 1957, data da sua aposentação. O contexto político é agora outro, Leite de Vasconcelos jubilara-se em 1929 e a direção

do museu encontra-se nas mãos do historiador, arqueólogo e professor [Manuel Heleno](#) (1894-1970), a quem coadjuva e substitui com regularidade na gestão diária do museu (Machado, 1964).

Entretanto, torna-se colaborador oficial da atividade folclorista do Secretariado de Propaganda Nacional (SPN) (1933), futuro Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo (SNI) (1945-1968), dirigido pelo escritor, jornalista, político, diplomata e dinamizador principal da política cultural do “Estado Novo”, António Ferro (1895-1956), de quem foi amigo pessoal e colaborador próximo. Por isso, sem nunca abandonar as suas convicções monárquicas, vindo a aproximar-se do Integralismo e dos nacional-sindicalistas de Francisco Rolão Preto (1893-1977), Luís Chaves integra a “Comissão de Etnografia Nacional” e participa amiúde em múltiplas iniciativas desenvolvidas pelo SPN/SPI, na construção do que é entendido e pretendido por “identidade nacional”. São disso exemplo o Concurso da Aldeia mais Portuguesa de Portugal (1938) e o Centro Regional da Exposição do Mundo Português (1940) (Alves, 1997). Por isso, também o vemos a organizar o catálogo da exposição de arte popular que o SPN leva a Genebra, em 1935, e como autor de parte significativa das obras publicadas neste âmbito, ao mesmo tempo que organiza a Exposição de Arte Popular Portuguesa (1936) e o respetivo catálogo, que redige juntamente com o etnógrafo e escritor Manuel Cardoso Marta (1882-1958). É, ademais, com este professor e funcionário público que participa, anos depois, nos trabalhos de instalação do Museu de Arte Popular sobre o qual publica *O Novo Museu de Arte Popular*, no ano da sua inauguração, em 1948 (Leal, 2000).

Colaborador assíduo dos periódicos científicos e culturais, com destaque para *O Arqueólogo Português* e a *Revista de Arqueologia* (1932-1938), e dirigindo, com o etnógrafo e dramaturgo bracearense Francisco Lage (1888-1957) e o artista plástico Paulo Ferreira (1911-1999), a *Vida e Arte*

do Povo Português (1940), Luís Chaves mantém, ao longo de vários anos, uma crónica na revista *Ocidente* intitulada ‘Nos Domínios da Etnografia Portuguesa’ e participa regularmente no órgão governamental *Mensário das Casas do Povo*, com a rubrica ‘Coisas & Lousas’. Publica ainda, entre muitos outros títulos, *Páginas Folclóricas* (1942), *Folclore Religioso* (1945), *O Povo Português através da Etnografia e das Tradições Artísticas* (1946).

Paralelamente, Luís Chaves é nomeado vice-presidente do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia, cargo que mantém até 1964. Criado em 1933 por decisão de Manuel Heleno, o Instituto edita a revista *Ethnos*, com a qual Luís Chaves coopera com assiduidade. Além disso, é na qualidade de vice-presidente deste Instituto que é nomeado vogal da 1.ª subsecção da 2.ª seção da Junta Nacional de Educação, um contexto que lhe permite, seguramente, aprofundar um dos tópicos nucleares da sua atividade enquanto defensor do património nacional. Referimo-nos ao levantamento exaustivo, ao estudo e à divulgação dos pelourinhos existentes no país, dando à estampa, em 1930, a sua obra seminal, *Os pelourinhos portugueses*, ilustrada com aquarelas de Alberto de Sousa (1880-1961) (Rosa, 2014). Um assunto que se inscreve numa temática mais alargada que o preocupa desde há muito, a julgar pela palestra proferida na sede da Associação dos Arqueólogos Portugueses (Lisboa, 1863), a 30 de junho de 1921, *Conservar o que está e como está, – é o problema* (Martins, 2005).

Luís Chaves trabalha ainda como bibliotecário da Casa Cadaval e professor de matemática do Colégio Académico, em Lisboa, cuja direção chega a integrar, assim como da cadeira de História de Arte e Iluminura do Curso Superior de Bibliotecário-Arquivista e do Estágio para Conservadores dos Museus, Palácios e Monumentos Nacionais.

Sócio de várias agremiações nacionais e estrangeiras de natureza cultural e científica, designadamente a Associação dos Arqueólogos

Portugueses, o Grupo Português de História das Ciências, o Instituto de Coimbra, a Sociedade de Geografia de Lisboa (SGL) (1875), a Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia (1919), a Sociedade Martins Sarmento (1881), *Société d'Etnographie de Paris* (1859), e membro titular do *Institut International de Anthropologie de Paris* (1890), Luís Chaves falece em Lisboa em 1975.

A ação política e o legado intelectual de Luís Chaves têm sido analisados por estudos dedicados à história da etnografia em Portugal no Estado Novo, sendo-lhe atribuído, em Lisboa, o topónimo Largo Luís Chaves (Quinta das Mouras, Lumiar). Em 2015, tem lugar o seminário *Luís Chaves (1888-1975) e Sebastião Pessanha (1892-1975), entre a etnografia, a arqueologia e a salvaguarda patrimonial*, organizado pelas Secções de Arqueologia, Estudos do Património e Etnografia da SGL.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Vera Marques. 1997. "Os Etnógrafos Locais e o Secretariado de Propaganda Nacional. Um estudo de caso". *Etnográfica*. Vol. I (2):237-257.
- CASTELO-BRANCO, Fernando. 1979. "Luís Chaves (Etnógrafo, 1888-1975)". *Separata da Revista Portuguesa de Filologia*. Vol. XVII, Coimbra: 1177-1192.
- LEAL, João. 2000. *Etnografias Portuguesas (1870-1970) Cultura e Identidade Nacional*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- LEAL, João. 2006. *Antropologia em Portugal: Mestres, Percursos, Tradições*. Lisboa: Livros Horizonte.
- MACHADO, António Saavedra. 1964. "Subsídios para a história do Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos". *O Arqueólogo Português*. N.s. Vol. V: 51-446.
- MARTINS, Ana Cristina. 2005. *Na senda da salvaguarda patrimonial. 100 anos de (trans)formação. 1863-1963*. 2 vols. Tese de Doutoramento em História apresentada à Universidade de Lisboa.
- ROSA, António Manuel Amaro. 2014. *Os Pelourinhos da Lusitânia (1820-1974) do Vandalismo Oitocentista à reabilitação pelo Estado Novo*. 2 vols. Dissertação de Mestrado em Estudos do Património apresentada à Universidade Aberta (Lisboa).

[A.C.M.]

ANA CRISTINA MARTINS Investigadora contratada do IHC-FCSH, Nova - Pólo da Univ. Évora, onde desenvolve e integra projetos nacionais e internacionais de história da arqueologia nos séculos XIX e XX, centrados no estudo de personalidades, instituições e invisibilidades, mormente femininas. Docente de unidades curriculares (História da Arqueologia em Portugal, Introdução e Valorização do Património Cultural). É investigadora colaboradora do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, onde se doutorou em História da Arte, obteve o mestrado em Arte, Património e Teoria do Restauro, e se licenciou em História, variante de Arqueologia. Preside à Secção de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa e à Academia Portuguesa de Ex-Libris, e vice-preside à Assembleia Geral da Associação dos Arqueólogos Portugueses. Membro (2020-2023) do *Board* do Grupo de Trabalho *Archaeology and Gender in Europe*, da *European Association of Archaeologists*, e do Grupo de Trabalho *History of Archaeology*, da *Union International des Sciences Pré et Protohistoriques*.